

Cultura

Maria do Céu Guerra administra oficina

António Bequengue|Rio de Janeiro - 21 de Julho, 2010



A actriz e directora da companhia portuguesa de teatro “A Barraca”, Maria do Céu Guerra, administra, na segunda e na terça-feira, no Espaço do Serviço Social do Comércio (SESC), em Copacabana, uma oficina de teatro.

A acção destina-se aos participantes do Festival Internacional de Teatro de Língua Portuguesa (Festlip) e a estudantes de teatro.

Maria do Céu Guerra considerada uma das mais proeminentes actrizes de Portugal, recebeu, quarta-feira, no Rio de Janeiro, o troféu Festlip 2010, pela sua contribuição ao teatro ao longo de mais de quatro décadas.

A actriz dirige também “Agosto – Contos de Emigração”, que “A Barraca” levou à cena, na quinta e na sexta-feira, no SESC Ginástico, no Rio de Janeiro, e que volta a ser apresentado, no sábado, no mesmo espaço.

“Agosto – Contos de Emigração” fala das aspirações, sacrifícios, alterações de vida, frustrações, triunfos e gostos dos portugueses que deixaram a pátria à procura de riquezas para o seu país.

Maria do Céu Guerra, nasceu em Lisboa, em 26 de Maio de 1943. Começou a interessar-se por teatro quando era estudante de filologia românica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fez parte do grupo fundador da Casa da

Comédia. Ao lado de Zita Duarte, Manuela de Freitas, Santos Manuel, Fernanda Lapa e Laura Soveral, entre outros, participou em “Deseja-se Mulher”, de Almada Negreiros, encenado por Fernando Amado. Vai para o Teatro Experimental de Cascais, onde se profissionaliza e, sob a direcção de Carlos Avilez, interpreta várias de peças. Nos anos 1970, funda a Companhia de Teatro “A Barraca” onde, ainda hoje se mantém, ao lado de Hélder Costa, autor e encenador. Entre muitos outros, interpretou textos de Dário Fo, Ribeiro Chiado, Bertolt Brecht, Rainer Werner Fassbinder, Ionesco, William Shakespeare, Ettore Scola e Luís Sttau Monteiro.

Com “A Barraca” representou em vários festivais internacionais, especialmente em África e na América do Sul. No cinema trabalhou com os realizadores Fernando Matos Silva (O Mal Amado e Guerra de Mirandum), Luís Couto, Luís Filipe Rocha (A Fuga), Fernando Lopes (Crónica dos Bons Malandros), Luís Filipe Costa, Costa e Silva, Eduardo Geada (Saudades Para Dona Genciana), José Fonseca e Costa (Os Cornos de Cronos), Frederico Corado (A Estrela), Margarida Gil (Anjo da Guarda) e Ruy Guerra (Portugal S.A.).

Apareceu, pontualmente, na televisão, em telefilmes, como “Casino Oceano”, de Lauro António, ou “La Letre Volle”, de Ruy Guerra, e em séries.